

Sarney vai hoje ao México em busca de novo parceiro

Foto de Juan Carlos Gómez

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney viaja hoje ao México com a proposta de ampliar a integração continental, que de acordo com as novas diretrizes de política externa brasileira não deve haver apenas com os vizinhos da fronteira, como Argentina e Uruguai. Em entrevista na biblioteca do Palácio da Alvorada, ele disse ontem que a América Latina vive atualmente um fenômeno muito grave de decadência e acrescentou: "Talvez sejamos a única região da Terra que está em fase de involução no que se refere ao crescimento econômico. Se comprarmos alguns países da América Latina com alguns da Ásia industrializada, vamos verificar que em 1950 tínhamos renda *per capita* maior e hoje eles têm renda superior a todos os países latino-americanos".

O que se pretende, continuou o Presidente, é inaugurar uma "nova era da economia dos conjuntos", na qual seria reduzida a dependência da América Latina em relação aos países industrializados. Destacou que o México é, no hemisfério, a fronteira entre o Primeiro e o Terceiro Mundo e que a soma de sua população com a do Brasil representa mais da metade da população total do continente. Somados, os dois Produtos Internos Brutos também significam mais da metade do PIB latino-americano. Um grande problema que o México enfrenta é a atração que os Estados Unidos exercem, agindo como um imã em sua economia.

Há um desejo do México, faz parte da cultura mexicana que eles não abdiquem de sua condição de país latino-americano, apesar da proximidade com os Estados Unidos, que detêm 70 por cento de seu comércio. Esse imã que os Estados Unidos exercem sobre a economia mexicana, os próprios mexicanos querem que diminua, e o Brasil é um excelente parceiro para que isto possa ser feito — prosseguiu Sarney.

A efetiva criação de um Mercado Comum Latino-Americano é um desdobramento que o Presidente espera, a partir desta mudança de atuação da diplomacia brasileira. A seu ver, anteriormente vivia-se a retórica da amizade e da cooperação, mas não passava disso. Agora existe um programa que servirá de base para a integração latino-americana.

Não é fácil fazer um Mercado Comum — argumentou Sarney —,



Sarney, com Ricúpero e D. Marly, na biblioteca do Palácio da Alvorada

até porque existem as disparidades de um país para outro. Daí porque estamos começando com a Argentina e com o Uruguai. Mas este é um programa aberto para toda a América Latina. Só que vai demorar alguns anos para que seja uma realidade, pelas dificuldades que temos.

A questão da dívida externa do continente será um dos temas que o Presidente José Sarney tratará com o Presidente do México, Miguel de La Madrid. O encontro será também uma prévia da reunião do Conselho de Cúpula do Grupo de Apoio a Condadora, que reunirá em novembro, na Cidade do México, os Presidentes do Brasil, México, Venezuela, Panamá, Colômbia, Peru, Argentina e Uruguai. Sarney lembrou que há 20 anos os Presidentes latino-americanos não se reuniam. A última vez foi em Punta del Leste, no Uruguai, em 1967, encontro convocado pelos Estados Unidos para discutir problemas bem diferentes dos que esses países enfrentam hoje.

— Acredito que este vai ser outro fórum de debates dos problemas conjuntos da América Latina e entre esses problemas está a dívida externa, que não pode ficar de fora. É um problema que aflora com grande dramaticidade e, certamente, será discutido.

Ao fim da entrevista, ele ressaltou a colaboração que o Brasil tem dado para a busca de uma solução negociada da crise da América Central. A

seu ver, o fato de os cinco Presidentes dos países da região terem se reunido é bastante auspicioso, pois eles estão diretamente envolvidos no conflito e estabeleceram uma série de pontos de compromisso que vão permitir o retorno da paz aquela parte do mundo.

Sarney mostrou-se bastante tenso durante a entrevista e só depois que as luzes da televisão se apagaram é que se descontraiu e passou a comentar aspectos ligados à História mexicana. Lembrou, por exemplo, que os invasores espanhóis ficaram muito espantados por encontrarem uma cidade maior do que todas que conheciam na Europa. Comentou também que esteve no México, pela primeira vez, há mais de 15 anos. Depois disso, só foi uma vez, numa escala a caminho dos Estados Unidos. Em sua opinião, o povo mexicano se parece muito com o brasileiro e tem também muita afeto em relação ao Brasil. Daí, a visita que fará à cidade de Guadalajara, onde a Seleção Brasileira conquistou a Copa do Mundo de 1970.

O grupo de repórteres que participou da entrevista foi recebido pelo Presidente, por sua mulher, D. Marly, e pelo Assessor Especial Rubens Ricúpero. Depois de posar para fotos, Sarney sentou-se à mesa do salão para conversar com os jornalistas. A escolha dos órgãos de imprensa que participaram da entrevista foi feita por sorteio entre os repórteres credenciados no Palácio.

Visita não deve apresentar muitos resultados práticos

ROBERTO STEFANELLI
Enviado especial

CIDADE DO MÉXICO — A perspectiva para a visita de pouco mais de quatro dias que o Presidente José Sarney inicia hoje ao México, do ponto de vista prático, é a de que não se deve ter ilusões. Por isso não estão previstas assinaturas de acordos ou mesmo de uma declaração conjunta, embora Sarney leve na comitiva, além do Chanceler Abreu Sodré, os Ministros Bresser Pereira, da Fazenda; Aureliano Chaves, das Minas e Energia; José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio; e Bayano Dennys, do Gabinete Militar.

Na verdade, a viagem se inscreve no que o Itamaraty define como "aproximação orgânica" com países latino-americanos. Pelas avaliações feitas até agora, não devem surgir mais do que troca de intenções de cooperação em áreas de ponta como na química fina, informática e prospecção de petróleo. Ao

contrário de outras viagens presidenciais, nestes dias o México deve receber escassos representantes de indústrias brasileiras que viajaram por sua própria conta e risco.

Durante a preparação da visita, comentou-se que Bresser Pereira integrou a comitiva um tanto a contra gosto. Sua presença sempre levanta a poeira da dívida externa brasileira e isto desgosta lideranças do PMDB que assistem com desconfiança seus olhares para o FMI.

Depois de passar sérias dificuldades em 1985, os mexicanos passaram a concentrar a atenção dos banqueiros internacionais sobre a renegociação da dívida externa. Eles endureceram inicialmente, o que provocou uma posição ainda mais rígida dos mexicanos. E a possibilidade de la se tornar um exemplo de moratória para o Continente levou os banqueiros a retrocederem. E isso acabou em acordo com o FMI e a garantia de um crescimento econômico para o México de 3 a 4% anuais.